

**ASSISTENTE À DOCÊNCIA: PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS  
INTERDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE  
MANAUS/AM**

**Jonatha Rangel Silva de Souza**

Acadêmico do 8º período do curso de  
Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: jrsds.ped19@uea.edu.br

**Marcelo Sérgio Couteiro Lopes Júnior**

Acadêmico do 8º período do curso de  
Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: msclj.bio@uea.edu.br

**Paulo Eduardo Braz dos Santos**

Acadêmico do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Escola Normal  
Superior, da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: pebds.geo19@uea.edu.br

**Jediã Ferreira Lima**

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.

Coordenadora Pedagógica do PAD.

Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do  
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: jedy.lima@hotmail.com

**Maria Quitéria Afonso Menezes**

Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq.

Coordenadora do Projeto Assistência à Docência/PAD.

Professora Assistente da Escola Normal Superior-UEA.

E-mail: maria.quiteria@semed.manaus.am.gov.br

**RESUMO:** Enquanto relato de experiência, esta pesquisa teve o objetivo de refletir sobre o processo de atuação de prática docente, resultante da experiência ocorrida com turmas de sexto e sétimo ano do ensino fundamental - Anos finais, na Escola Municipal Aristophanes Bezerra de Castro, onde dois assistentes à docência, graduandos de Geografia e Ciências Biológicas, desenvolveram interdisciplinarmente desdobramentos na ação partindo de uma atividade confeccionada pela professora regente da disciplina na escola, sendo o material um jogo composto pelos mapas: mundi, sul-americano e brasileiro, desenhado em cartolina, e recortados para a montagem. A partir dos resultados obtidos, observamos que a experiência nos permitiu desenvolver a prática docente e planejar orientações compreensíveis e significativas aos alunos. Para o professor em formação, é intencional perceber mais nitidamente a realidade da sala de aula, e com isso, exercitar o constructo teórico-prático.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. Assistência à Docência. Ensino fundamental- Anos Finais.

**ABSTRACT:** As an experience report, this research aimed to reflect the process of teaching practice, resulting from the experience that occurred with sixth and seventh year classes of elementary school - Final years, at the Municipal School Aristophanes Bezerra de Castro, where two teaching assistants, undergraduates of geography and biological sciences, developed interdisciplinary developments in the action starting from an activity made by the teacher regent of the discipline at school, the material being a game composed of maps: mundi, South American and Brazilian, designed in cardboard, and cut for assembly. From the results obtained, we observed that the experience allowed us to develop teaching practice and plan understandable and meaningful orientations to students. For the teacher in training, it is intentional to perceive more clearly the reality of the classroom, and with this, to exercise the theoretical-practical construct.

**Keywords:** Interdisciplinarity. Teaching Assistance. Elementary school - final years.

## INTRODUÇÃO

Enquanto relato de experiência, tal pesquisa materializou-se numa ação de cunho qualitativo, desenvolvida com descrições e métodos observacionais, além de registros fotográficos nas turmas de sexto e sétimo ano da escola Aristóphanes Bezerra. O conteúdo cartográfico trabalhado no 6º e 7º ano foi realizado de modo com que fossem transmitidos direcionamentos básicos da regionalização, a respeito do que é continente, país, região, estado e cidade. Partindo do global para o local. Na aplicação em sala, o primeiro desdobramento realizado foi o de dividir a turma e organizá-la para o desenvolvimento deste jogo.

De forma paciente e divertida, fomos ajudando os grupos a entenderem o significado da ação. A partir desta atividade, foi percebido que a exposição dialógica de conceitos e mapas de forma dinâmica e divertida, torna possível envolver os alunos de forma satisfatória, provocando trocas significativas, principalmente com o diálogo antes da atividade, como no caso desta atividade realizada, auxiliou no desenvolvimento em sala de aula promovendo maior envolvimento. Desta forma, este trabalho justifica-se pela prática reflexiva sobre o fazer em sala de aula, observando aspectos da práxis docente, objetivando compartilhar o processo resultante da experiência que tivemos enquanto ação conjunta, a partir de uma vivência do cotidiano escolar.

## IDENTIDADES, TRAJETÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS

Com foco na formação inicial e continuada de professores, o projeto de assistência à docência se configura no campo das licenciaturas para que estudantes de graduação possam vivenciar a prática docente. Este trabalho é fruto de uma parceria entre a Universidade do Estado do Amazonas/UEA e a Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). De acordo com Afonso (2012), o

Projeto Assistência à Docência/PAD é um projeto de extensão que atua por princípios de ação de assistência ao professor junto ao planejamento de ensino e execução de processos pedagógicos em sala de aula. Desta forma, este trabalho justifica-se pela essencial prática reflexiva sobre o fazer em sala de aula, observando aspectos de reflexão-ação da prática docente, situando o graduando, assistente à docência/AD, como parte fundamental no acompanhamento da sala de aula, favorecendo ações de formação inicial e continuada no espaço da escola. Com isso, objetivamos compartilhar o processo resultante da experiência que tivemos enquanto ação conjunta aos alunos, partida de uma experiência do cotidiano escolar.

Nós, participantes deste relato, viemos de distintas disciplinas ou cursos, cada um traz consigo uma trajetória. Iniciaremos com o AD Marcelo Couteiro, estudante do curso de licenciatura em ciências biológicas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que participou do programa de iniciação à docência, trabalhando ciências naturais e biologia no ensino médio e fundamental II. A chegada ao projeto de assistência à docência se deu inicialmente pelo seu interesse em participar de um projeto de extensão, e estender entendimentos, vivências e experiências em relação à prática docente e processos educacionais. Estar no Projeto de Assistência à Docência, é uma experiência motivadora, modificadora, reflexiva em prática e teoria e teoria e prática.

O AD Paulo Braz, que é estudante do curso de licenciatura em geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), participou da Residência Pedagógica, trabalhando o ensino de geografia, bem como desenvolvendo projetos de pesquisa voltados à educação ambiental. A iniciativa em ser assistente à docência vem da curiosidade em vivenciar a experiência de estar num projeto que reúne vários elementos do trabalho docência em suas múltiplas dimensões.

A caminhada do AD Jonatha começou em 2019, no curso de licenciatura em pedagogia, teve seu primeiro momento de encontro com o Lepete através da Professora Eglê Wanzeler, enquanto comentava, sobre o projeto e a Transdisciplinaridade, o que despertou sua curiosidade, daí o AD buscou leituras sobre o assunto e quando compreendeu a essência do trabalho, resolveu que faria o possível para tornar-se um AD, e dessa forma, tempo depois, entrou no Lepete e deu início à Assistência à docência.

Desde antes do início do ano (2021), tivemos diversos encontros para nos preparar para a volta da assistência à docência em um formato novo devido à pandemia do Covid-19. Depois que a Assistência voltou à ativa tivemos encontros semanais para relatar as atividades desenvolvidas nas salas de aulas. Os encontros permitiram um planejamento das nossas ações e supervisão do que estávamos trabalhando dentro de sala.

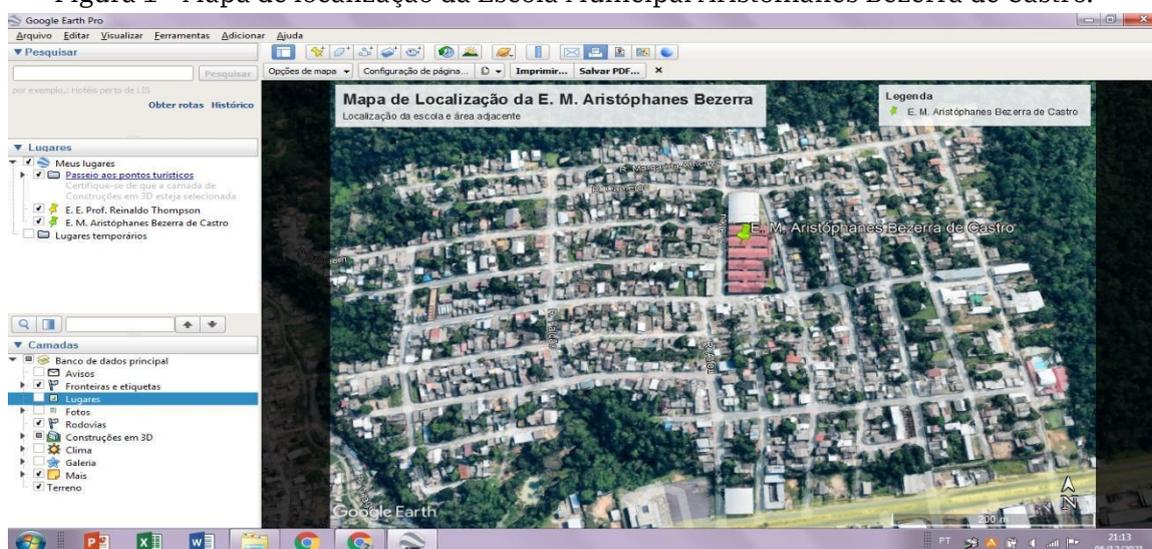
Aconteceram diversas formações essenciais para a preparação dos AD frente às atividades práticas, algumas delas foram: Educação escolar indígena (Profa. Jeiviane dos Santos), produção de roteiro audiovisual (Profa. Raquel Matos)

e grupo de estudos em Educação de Jovens e Adultos conduzido pela Prof.<sup>a</sup> Quitéria Afonso.

## CONTEXTO, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIA EM SALA DE AULA

A escola Municipal Aristóphanes Bezerra de Castro fica localizada na Rua Benjamim (com A Deus), Cidade de Deus, Manaus - AM (Imagem 1). Situado na Zona Leste de Manaus, a então Cidade de Deus tem sua origem datada por volta do ano de 1993, sendo anteriormente considerada comunidade integrante do bairro Cidade Nova, onde, a partir de 2010 através da Lei 1.401, de 14 de janeiro de 2010, passa a se configurar como bairro independente.

Figura 1 - Mapa de localização da Escola Municipal Aristóphanes Bezerra de Castro.



Fonte: Google Earth, 2021.

A escola oferece estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos seus alunos, como Quadra Esportiva Coberta, Internet, Refeitório, Biblioteca, Laboratório de Ciência, Laboratório de Informática, Sala de Leitura, Auditório, Área Verde, Alimentação e Sala para os Professores. Segundo dados do QEdU 2021, a escola oferece aulas para as etapas anos iniciais e finais do ensino fundamental, atendendo também por extensão, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em 2021 foram matriculados 859 alunos nesta escola.

As turmas trabalhadas foram de 6º e 7º anos, com alunos na faixa etária entre 11 a 13 anos. Piaget (1970), há séculos atrás, já propunha que a aquisição do pensamento formal iniciaria ao redor dos 11 anos, ou seja, os estudantes desta etapa estão em um processo mais construtivo, é neste período que o pré-adolescente começa a entender como de fato as coisas acontecem, começam a deixar aquele pensamento mais utópico e enxergar a realidade. A adolescência, inicial ou pré-adolescência (10 a 14 anos), é conhecida como a fase das crises de identidade descobertas de vários signos e estímulos, o que os leva muitas vezes a

não dar tanta atenção a atividades que não sejam atrativas. Os alunos nesta idade são bem participativos e apresentam dúvidas, neste sentido, atividades apresentadas no formato lúdico devem trazer uma figura mais desafiadora e que estimule a participação mútua e o desenvolvimento do aprendizado.

Com relação às atividades desenvolvidas, a dinâmica do nosso trabalho enquanto assistentes à docência se inicia logo que chegamos ao LEPETE, onde encontramos nossos pares assistentes, e as professoras coordenadoras. Naquele dia, adentramos a Van às 13h10, onde fomos conduzidos pelo motorista entusiasta do projeto, Sr. Alcemir, logo, chegamos à escola, exatamente às 13h44, onde nos encaminhamos ao refeitório a fim de nos organizarmos em relação à turma em que cada um ficaria. Nós, Paulo Braz e Marcelo Sérgio, fomos designados conforme a organização das professoras-coordenadoras, de modo que ficamos com a disciplina de geografia. Sendo assim, tivemos o 2º tempo (turma 7º ano A), o 3º tempo (turma 6º ano B) e o 4º tempo (turma 6º ano A).

A aula deixada pela professora Cleide Gomes (de geografia) foi o jogo “quebra cabeça geográfico”, esta atividade foi confeccionada pela própria professora, primeiro desenhado em cartolina e depois recortado de modo que se pudesse montar novamente as peças. Este jogo mediou conhecimentos sobre noções básicas de cartografia a respeito do que é continente, país, região e estado, partindo do global para o local.

Na aplicação em sala, o primeiro desdobramento realizado foi o de dividir a turma e organizá-la para o desenvolvimento deste jogo que intitulamos - “Quebra-Cabeça Geográfico”, de uma forma que houvesse interação, mas sem tumulto, para isso a turma foi dividida em três equipes, fazendo uma espécie de rodízio. Tínhamos três mapas, por consequência a equipe que terminava um mapa passava para o outro, até finalizar a atividade, apesar de que a dinâmica estivesse muito agradável, foi percebido que os discentes só estavam montando, e não dando tanto sentido para o conteúdo. Então resolvemos ressignificar aquela atividade, daí surgiu a ideia de fazer perguntas direcionadas aos grupos sobre os mapas que tinham acabado de montar, de forma paciente e divertida, fomos ajudando os grupos a entenderem o significado daquela atividade. Para a elaboração de atlas Zacharias (2008) enfatiza que é necessário:

Compreender e utilizar as variadas formas de linguagem cartográfica, sem dúvida alguma, amplia as possibilidades do aluno extrair, comunicar e analisar informações em vários campos do conhecimento geográfico, além de contribuir para uma melhor interação com a espacialidade dos fenômenos estudados (p. 83).

Após realizar estes direcionamentos, percebemos que a dinâmica da sala melhorou ainda mais e a partir deste ponto positivo na primeira turma (7º ano A), foi repetida essa estratégia nas turmas seguintes (6º ano B e 6º ano A). Em todas as turmas foi percebido que esta atividade despertou grande interesse nos alunos,

prova disso é que ao final, sobrando alguns minutos para o término do tempo, nos dirigimos para alguns mapas colados na parede da sala, e tiramos várias dúvidas a respeito do conteúdo trabalhado. Ao final desta atividade, em cada sala, foi possível perceber uma atmosfera de aprendizagem, os alunos empolgados nos cumprimentaram e declararam o prazer que foi aprender brincando. Aquele “Quebra-Cabeça Geográfico” possibilitou a construção de hipóteses sobre as noções de referenciais, localização espacial e lateralidade. Neste sentido, é relevante mencionar a autora Luciana Silva (2006), que entre as estratégias didáticas e o uso de produto cartográfico:

O jogo confere ao aluno um papel ativo na construção dos novos conhecimentos, pois permite a interação com o objeto a ser conhecido incentivando a troca de coordenação de ideias e hipóteses diferentes, além de propiciar conflitos, desequilíbrios e a construção de novos conhecimentos fazendo com que o aluno aprenda o fazer, o relacionar, o constatar, comparar, construir e o questionar (p. 143).

Na universidade, aprendemos que as atividades devem ser aplicadas com recursos necessários, e tempo suficiente para desenvolver o conteúdo baseado na realidade do aluno. No entanto, na maioria das escolas públicas, percebe-se que estes recursos são escassos e o tempo é insuficiente para o desenvolvimento de uma aula significativa para o aluno. A ausência de espaços adequados para viabilizar a aprendizagem, utilizando-se os recursos e as metodologias que a abordagem construtivista exige, destitui a Geografia do valor educativo que lhe é inerente, e torna pesada a atividade docente (BARBOSA *et al.*, 2013).

Um fator importante para se trabalhar uma aula de geografia inclusiva e participativa é o de instigar o conhecimento que o aluno já traz na bagagem de sua vivência e fazer uma ligação com o conteúdo apresentado, sobre isso, Castellar (1999) argumenta que para desenvolver um trabalho docente na sala de aula:

pressupõe que o professor tenha uma postura de mediador, de atuar propondo problemas para que o aluno, a partir do seu conhecimento prévio, possa, no grupo, criar situações-problema e desafios, transformando o conhecimento de senso comum em conhecimento científico. Uma atuação que não leve em conta essas questões que estão fadadas a criar no aluno a desmotivação, porque não permite que ele aprenda (p. 52).

Nesse sentido, à disciplina de Geografia cabe não somente levar o aluno a um entendimento da dimensão espacial da sociedade como um todo, mas encontrar meios de contextualizar esse ensino, considerando também o espaço vivido do/pelo aluno, uma vez que é relevante que ele entenda sua própria realidade e os fatores que influenciam diariamente sua vida. Consideramos,

portanto, que o aluno traz consigo, para dentro da escola, experiências de vida conforme o seu lugar, a sua realidade social; sendo o lugar um espaço vivenciado, possui uma cultura geográfica (SANTOS, 2012).

Contextualizando a experiência em sala, é possível considerar que esta obteve um resultado significativo, pois foi possível cumprir na íntegra as teorias durante as aulas práticas, tendo por base que a cartografia (conteúdo trabalhado) não deve ser um mero aprendizado, com pinturas de mapas ou montagens, sem trazer um conhecimento aprofundado do assunto. Assim, consideramos fundamental oportunizar situações de aprendizagem em que os estudantes se instrumentalizem para construir noções mais aprofundadas para a compreensão do espaço e da sua representação escala, legenda, distâncias, localização e orientação (THEVES, 2014, p. 15). O aluno deve compreender o mapa de forma crítica, não apenas abordando o espaço geográfico em um formato quantitativo, mas qualitativo, informando o porquê, por exemplo, de uma cidade ter uma população maior que outra, buscando entender os fenômenos físicos, políticos e econômicos que influenciam para o acréscimo ou decréscimo desta população.

No cotidiano escolar, muitos movimentos são necessários para a prática docente da Geografia, para que essa favoreça os educandos na aquisição de conceitos e na interpretação das diversas espacialidades, para o desenvolvimento de um pensamento geográfico crítico (CAVALCANTE, 2017). Estas abordagens dão ao aluno uma visão geográfica sobre o mundo, fazendo com que este tenha uma visão do micro ao macro sobre o globo, o micro é aquilo que o aluno vivencia na sua rua, comunidade e cidade, no caminho para a escola o aluno está vivenciando a geografia observando no trecho a paisagem e construindo sua cartografia, no macro o aluno vai fazer uma comparação e uma análise subjetiva daquilo que ele vivencia com o resto do mundo.

## **PROCESSOS, REFLEXÕES E PRÁTICA DOCENTE**

Diante do exposto, a atividade deixada pela professora Cleide Gomes projetou, em outras vivências, que a teoria da academia adentrou na escola, e isto só foi possível com o apoio da professora regente, que além de deixar preparada esta aula lúdica cartográfica, também disponibilizou todos os recursos necessários para a efetivação desta atividade, dentre eles mapas continentais, mapa do território brasileiro, e ainda o quebra-cabeça já confeccionado.

O diálogo antes da atividade auxiliou no desenvolvimento em sala de aula promovendo maior envolvimento, desta maneira, conferir aos alunos participantes um papel ativo na construção dos novos conhecimentos, através de exposição dialógica de conceitos e mapas, tornou possível envolvê-los de forma surpreendente, provocando trocas significativas, para tal efeito, as equipes de alunos, foram conduzidas a se movimentar pela sala em formato de rodízio, de modo que cada grupo pudesse acessar e desenvolver a dinâmica de montagem e

perguntas nos 3 formatos disponíveis do quebra-cabeça, assim, em cada mapa foram cobrados raciocínio e atenção.

Segundo Breda (2011), no momento em que os discentes procuram as peças para o encaixe do quebra-cabeça, mesmo que por “diversão”, eles estarão fazendo uma análise visual minuciosa da peça, que talvez apenas olhando a fotografia aérea eles não fizessem.

A nossa interação com os alunos se deu de forma harmoniosa, após nos apresentarmos, auxiliamos cada grupo com atenção e dinamismo. Em todas as turmas, os alunos eram super-respeitosos e colaboraram para que a dinâmica fosse efetuada com êxito. De início os discentes estavam retraídos, mas, após começarem a montar os mapas percebemos que eles ficaram mais descontraídos e participativos.

A troca de saberes entre os AD foi essencial para o desenvolvimento prático do trabalho, que, por ser da área de geografia, permitiu que o AD Paulo (licenciando em geografia) pudesse trazer elementos teóricos, que somado com a experiência (acumulado durante o longo de tempo de AD) e prática em sala do AD Marcelo, fez com que houvesse um bom diálogo entre eles. Desta forma, foi possível desdobrar a atividade deste dia de forma conjunta e amigável, trazendo as ferramentas necessárias no desenvolvimento desta ação.

Assim, um assistente à docência específico - graduando de geografia e um assistente à docência - graduando de ciências biológicas, tomam as rédeas do proposto e de forma conjunta, pensam e desenvolvem desdobramentos de atividade partindo de uma lógica interdisciplinar. E essa postura de tomada de decisão do desenvolvimento de uma atividade a partir dos referências de cada um, se constitui como umas das etapas mais construtivas e somatórias da práxis do assistente, tendo em vista o viés interativo de estudantes de diferentes licenciaturas e, por fim, um processo de relação direta que culminou numa intervenção resultante de desdobramento interdisciplinar.

Em paráfrase à autora Andreia Luísa Silva (2017), a partir da obra *Práticas pedagógicas que facilitam o processo de ensino/aprendizagem em geografia*, explica que para um processo de ensino e aprendizagem em geografia de forma mais atrativa para os estudantes e também para os professores, se faz necessário o uso de práticas pedagógicas que exerçam o papel de condutoras desse saber. Assim, é importante reafirmar a relevância de se utilizar estes diferentes recursos e que os mesmos estão disponíveis a todos os profissionais da educação, independente da realidade em que estão inseridos, seja em instituições de ensino públicas, filantrópicas ou privadas, e priorizam o aprendizado por meio de tendências de ensino contemporâneas e envolventes.

A prática docente de um aluno de licenciatura se dá inicialmente através de programas governamentais de fomento à docência, e principalmente no processo formador das disciplinas do âmbito pedagógico que integram a grade curricular de uma licenciatura. Essa experiência que é teórica e prática contempla os aspectos básicos do trabalho docente enquanto processo instrumental dessa profissão. Entretanto, o ensino e a aprendizagem, a docência,

se compõem enquanto áreas extremamente abrangentes. Logo, vivenciar, ainda na graduação, experiências co-formativas da docência se configura como uma atividade única e necessária.

Assim, o Projeto de Assistência à Docência, como um projeto de extensão, possibilita tal vivência, em que balizado por uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, concretiza uma práxis a partir desses aspectos na Escola Pública ao ampliar diálogo com a Universidade do Estado do Amazonas, realizando assim o comprometimento com o processo educacional na Educação Básica ao se fazer presente no chão da escola.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos, observamos que a experiência nos permitiu desenvolver a prática docente junto ao ensino fundamental - anos finais e planejar orientações compreensíveis e significativas aos alunos. O professor em desenvolvimento deve perceber a realidade da sala de aula, e, com isso, exercitar o constructo teórico-prático. Tendo isso em vista, foi percebido um despertar de interesses em todas as turmas trabalhadas, prova disso é que, ao final da atividade, sobrando alguns minutos para o término do tempo, nos dirigimos para alguns mapas colados na parede da sala, onde os alunos espontaneamente fizeram várias perguntas a respeito do conteúdo trabalhado.

Ao ser finalizada a ação, foi possível perceber uma atmosfera de aprendizagem. Os discentes empolgados nos cumprimentaram e declararam a satisfação que foi aprender brincando. Por meio da observação escolar, percebemos que esta experiência, de certa forma, ampliou a visão pedagógica do discente universitário, por meio da relação com o corpo escolar, principalmente com a professora regente, que por meio desta os assistentes à docência mediarão e organizaram conteúdos com as turmas descritas, trabalhando a otimização do processo ensino, agindo como um facilitador do ensino e não um mero transmissor de informações.

### REFERÊNCIAS

BREDA, Thiara Vichiato. **Construindo Jogos Geográficos** (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Cartilha), 2011.

BARBOSA, Maria Edivani Silva; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho. O ensino de Geografia e a organização dos tempos e espaços escolares. In: **Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. Formação, Pesquisa e Práticas Docentes: Reformas Curriculares em Questão**. João Pessoa, PB. Anais... João Pessoa, PB, 2013.

CASTELLAR, Sônia (org.) A formação de professores e o Ensino de Geografia. In: *As transformações no mundo da Educação: Geografia, Ensino e Responsabilidade Social*. **Terra Livre**, n. 14. São Paulo: AGB, jan./jul. 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O trabalho do professor de geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. In: ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque *et al.* (org.). **Conhecimentos da Geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica**. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/RobertoValadao/publication/324798242\\_Conhecimentos\\_da\\_Geografia\\_percursos\\_de\\_formacao\\_docente\\_e\\_praticas\\_na\\_Educacao\\_Basica/links/5ae30b5c0f7e9b28594a44e9/Conhecimentos-da-Geografia-percursos-de-formacao-docente-e-praticas-na-Educacao-Basica.pdf](https://www.researchgate.net/profile/RobertoValadao/publication/324798242_Conhecimentos_da_Geografia_percursos_de_formacao_docente_e_praticas_na_Educacao_Basica/links/5ae30b5c0f7e9b28594a44e9/Conhecimentos-da-Geografia-percursos-de-formacao-docente-e-praticas-na-Educacao-Basica.pdf). Acesso em: 19 jun. 2021.

PORTAL QEDu. Disponível em: <http://www.qedu.org.br>. Acesso em: 30 nov. 2021.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 3, set./ dez. 2012.

SILVA, Luciana. Gonçalves. Jogos e situações-problema na construção das noções de lateralidade, referências e localização espacial. In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Andreia, Luísa *et al.* Práticas pedagógicas que facilitam o processo de ensino/aprendizagem em geografia. **Revista Mirante**, Anápolis, v. 10, n. 3, ed. especial, ago. 2017.

THEVES, Denise Wildner. Com globos e mapas podemos percorrer “o perto” e “o longe”: As vivências espaciais das crianças. **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia Florianópolis**, v. 1, n. 1, out. 2014.

ZACHARIAS, Andrea Aparecida. A elaboração do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos (SP) e a Formação de Professores Tutores: Propostas Metodológicas para a Representação Gráfica e o Estudo do Lugar. In: **Encontro de Geógrafos Brasileiros**, 2008, São Paulo. Anais. São Paulo. CDROOM.

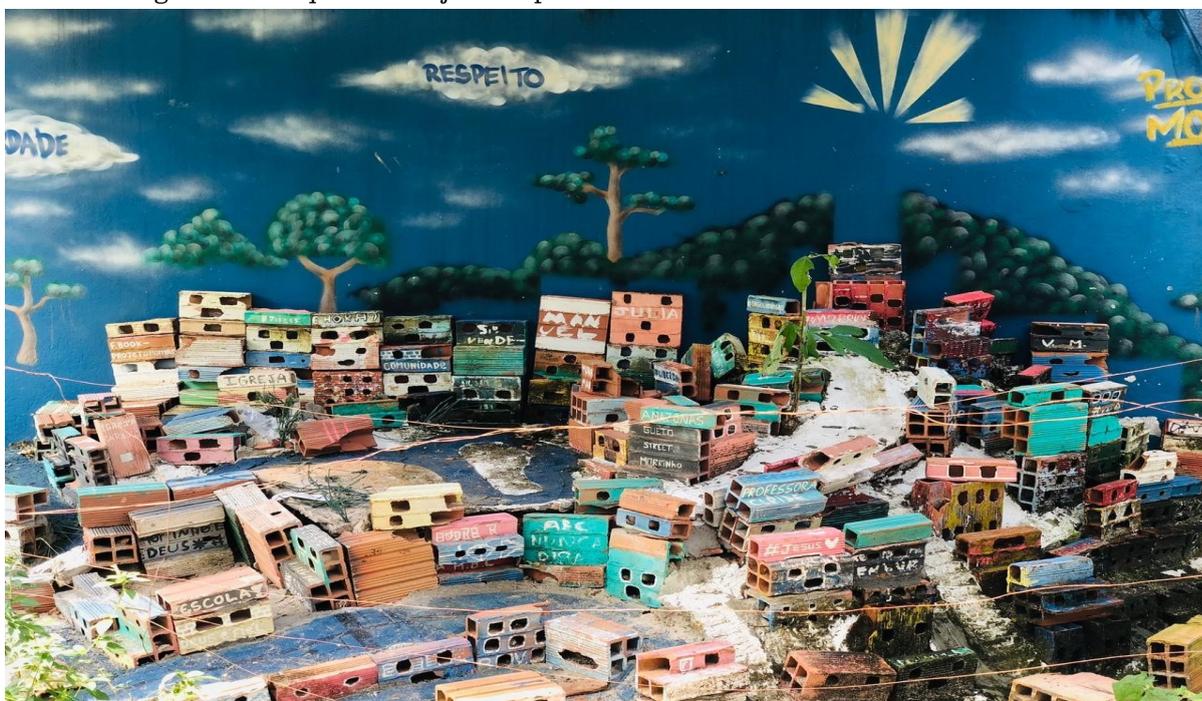
ANEXOS

Figura 1 - Contextos Escola Municipal Dr. Aristófanes Bezerra de Castro



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2 - Maquete em tijolos representando a escola e seus arredores



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 3 - Aplicação do Jogo - Regiões do Brasil



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 4 - Estudo Coletivo – “quebra-cabeça Regiões do Brasil”



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 5 - Diálogos localização e lugares



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.